

DIAS, Raíssa A. **A Manifestação no Espaço Urbano pela Arte Performática**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie. Arquiteta Urbanista Mestranda em Arquitetura pelo PPGAU/FAU – Mackenzie ou PPGAU/UPM *Stricto Sensu*; Orientador Igor Guatelli.

RESUMO

Este trabalho interdisciplinar em construção tem como objetivo discorrer sobre uma das formas de expressão marginal existentes nas cidades, buscando uma possível intersecção entre expressão artística e a arquitetura. Partindo das expressões marginais nascidas no movimento hip-hop norte americano da década de 70, e no Brasil da década de 80. Busca-se refletir sobre um outro “ethos” urbano trazido por uma arte, que combina o lírico e a revolta ao manifestar-se em alguns lugares da cidade de São Paulo tratados aqui como “espaços intermediários”. Neste trabalho, tem sido realizada uma investigação desses lugares auxiliados por conceitos encontrados no referencial teórico. Pensar a extensão dessas manifestações a partir de conceituações extraídas de pensamentos de outros campos de conhecimento, montando-se um campo interdisciplinar em paralelo, no ato da ocupação de alguns territórios da cidade. Nos seus rastros, emerge uma arquitetura sensível a tal intervenção de arte – a batalha de poesia original falada, os Slams, e ocupação dos espaços analisando o sujeito.

Palavras-chave: Expressão. Espaço. Arte. Sujeito. Cidade.

ABSTRACT

This interdisciplinary work under construction aims to discuss one of the forms of marginal expression in cities, in order to find a possible intersection between artistic expression and architecture. Its base starts with the marginal expressions born in the American hip-hop movement of the 70's, and in Brazil in the 1980s. It seeks to reflect on another urban "ethos" arisen by an art, that combines the lyrical and the revolt when manifesting itself in some places of the city of São Paulo treated here as "intermediate spaces". In this work, an investigation of these places has been carried out supported by concepts found in the theoretical framework. It's fundamental to think of the extent of these manifestations assisted by conceptualization extracted from thoughts of other fields of knowledge, setting up an interdisciplinary field in parallel, in the act of the intervention of some territories of the city. In its traces, an architecture that is sensitive to an intervention of art emerges - the original battle of poetry, spoken word, the Poetry Slams, and occupation of spaces by analyzing the subject.

Keywords: Expression. Space. Art. Subject. City.

O espaço intermediário – pensado aqui como espaços de função não definida, ou qualquer lugar que aparenta uma utilização improvisada – constituindo-se como local fértil para a liberdade de expressão, do querer dizer além do que deve ser dito, um espaço da função do querer.

Quando existe uma ação o espaço intermediário surge, há aglomeração interativa entre pessoas mediado por alguma ruptura no espaço urbano. Esse espaço não pré existe à aglomeração, é um espaço genérico ou universal. Na arquitetura, não é a escala do espaço público nem a escala doméstica do indivíduo. Segundo o arquiteto Igor Guatelli em Contaminações

Construtivas do Espaço Urbano: Cultura urbana através da intertextualidade e do entre:

“Na história da arquitetura sabemos que o arquiteto quase sempre cumpriu um papel de definidor dos espaços e usos que esses espaços deveriam abrigar. Difícil imaginar algo muito diferente desse papel a ele outorgado, afinal, traduzir em espaços adequados “ao morar”, no sentido amplo do termo, sempre foi uma prerrogativa dessa profissão.” (GUATELLI, 2008, 094.00)

O espaço em questão está entre um outro meio, entre-lugares, nem um, nem outro, porém bastardo. Por tudo isso, aberto a incessantes apropriações e expropriações do que não se consolida como próprio daquele lugar pré projetado para que os usuários permaneçam. Outro espaço sempre em movimento, um devir-território, sempre em evento:

“Como temos visto, através de uma atitude guiada pela desconstrução, desregulamentação, disjunção, descontinuidade, deslocamento da relação entre significante e significado, entre forma e função, e, ao mesmo tempo, uma valorização do que se denomina de *entre*, daquilo que está constantemente em processo, do transitório, do ambíguo, busca-se uma transgressão dos valores históricos arquitetônicos e a abertura de outras possibilidades.” (GUATELLI, 2008, 094. 00)



Figura 1 - Slam Resistência, Praça Roosevelt, São Paulo, 2017. IMAGEM: Vitor Villaça Campanario, em: 04 de setembro de 2017.

Acontece o surgimento de microterritórios que passam a existir através dos Slams: onde indivíduos descartados, separados são uma força quando aglomerados. A construção do sujeito como insumo para este trabalho e o futuro da arquitetura no espaço urbano, uma força que parece emanar da

improvável articulação de indivíduos motivados por formas de resistência como prática de re-existência na cidade.



Figura 2 - Slam Resistência, Praça Roosevelt, São Paulo, 2017. IMAGEM: Vitor Villaça Campanario, em: 04 de setembro de 2017.

Uma investigação dos rastros deixados pelo Poetry Slam, com origem nos EUA nos anos 80, ou Slam – encontros de poesia falada ou spoken word, e performática, em forma de competição, onde um júri popular é escolhido aleatoriamente entre o público no início do evento, que antecipadamente é divulgado com data, hora e local através das redes sociais pelos organizadores de cada Slam. Apresentam a nota aos slammers - poetas, levando em consideração principalmente dois critérios: a poesia e o desempenho, além do tempo de performance que não deve exceder três minutos, se exceder o próprio público levanta a mão para sinalizar sobre o tempo. Enquanto acontece a performance, o público deve estar em silêncio. Em cada evento – que acontece em São Paulo desde o primeiro Slam em 2008, podem ser inscritos uma quantidade variável de slammers, é proibido o uso de figurino ou objeto cênico durante a performance.

No Brasil, a maioria dos Slams ocorre em espaços públicos. O Slam Resistência é único que acontece com frequência em um espaço público no centro da cidade de São Paulo, na Praça Roosevelt toda primeira segunda feira do mês, todas as informações de como acontecem o Slam estão nas redes sociais. O evento com maior quantidade de acessos, online e no momento em que acontece a competição de poesia original e performática é o mais conhecido da cidade.



Figura 3 - Slam Resistência, Praça Roosevelt, São Paulo, 2017. IMAGEM: Vitor Villaça Campanario, em: 04 de setembro de 2017.

Os Slams que sucedem nos espaços intermediários - são espaços de poder que criam outros lugares em qualquer lugar, uma heterotopia urbana – conceito citado no texto “Uma Cartografia das Margens”, encontrado no livro Cartografias de Foucault (p.11 - 12) que pode alimentar uma reflexão sobre os limites da cartografia urbana normalmente utilizadas e consideradas para o reconhecimento de territórios:

“Michel Foucault tratou em suas pesquisas da constituição histórica e social de diferentes espacialidades, desde os espaços disciplinares como: a escola, o asilo, o hospício, o hospital, a prisão, até os espaços de liberdade inventados pelos homens em seu cotidiano de lutas e resistência às normas e à lei, o que chamou de heterotopias.” (MUNIZ; VEIGA; SOUZA, 2008, p. 11)

As dinâmicas sociais e urbanas são conexões inéditas que provocam um intertexto do lugar. Onde sujeito, objeto e território são os textos com possibilidade de remontagem dessas relações, uma recomposição, mesmo que efêmera na composição do espaço intermediário.

Os indivíduos, como aglomerados tomam força quando sujeitos reunidos pelo Slam, apresentado aqui neste trabalho ainda em andamento. Desencadeiam situações rizomáticas, instáveis e difíceis de serem mapeadas – desde o primeiro momento da divulgação dos próximos eventos pela Internet até o momento em que acontecem.

Em 1960 seria lançado o Manifesto da Internacional Situacionista de cunho social, cultural e político. O situacionismo teve início na Europa e reuniu poetas, arquitetos, artistas plásticos, cineastas e outros profissionais que se denominavam dotados de uma ideologia marginal:

“Os situacionistas chegaram a uma convicção exatamente contrária daquela dos arquitetos modernos. Enquanto os modernos

acreditaram, em um primeiro momento, que a arquitetura e o urbanismo poderiam mudar a sociedade, os situacionistas estavam convictos de que a própria sociedade deveria mudar a arquitetura e o urbanismo. Enquanto os modernos chegaram a achar, como Le Corbusier, que a arquitetura poderia evitar a revolução, os situacionistas, ao contrário, queriam provocar a revolução, e pretendiam usar a arquitetura e o ambiente urbano em geral para induzir à participação, para contribuir nessa revolução da vida cotidiana contra a alienação e a passividade da sociedade.” (JACQUES,2003, p.19)

Surgem contra uma fonte de autoridade e em um espaço urbano intermediário. Essa estrutura de multiplicidade faz com que esses indivíduos possam ser uma coisa e outra, tornando-se outra coisa, através da performance. Onde existe alteridade, o entendimento do outro. A maneira como o sujeito se expressa é seu próprio reconhecimento, quando se torna protagonista da própria história.

“A utopia é o não-lugar, o ponto extremo de uma reconfiguração polêmica do sensível, que rompe com as categorias da evidência. Mas também é a configuração de um bom lugar, de uma partilha não polêmica do universo sensível, onde o que se faz, se vê e se diz se ajustam exatamente.” (RANCIERE, 1940, p. 61)



Figura 4 - Slam Resistência, Praça Roosevelt, São Paulo, 2017. IMAGEM: Vitor Villaça Campanario, em: 04 de setembro de 2017.

Percebe-se as características dos indivíduos na contemporaneidade, na cidade e no espaço, através de tais expressões, sem julgamento a priori. Rem Koolhaas, arquiteto pioneiro aos estudos do sujeito na cidade moderna desde os anos 90, observa situações pontuais para projetar, parte do micro para chegar ao macro, é perspicaz em perceber os todos de existência na sociedade na atualidade.

“O Junkspace é um Triângulo das Bermudas de conceitos, uma placa de Petri abandonada: suprime as distinções, corrói a determinação e confunde a intenção com a realização; substitui a hierarquia pela acumulação, a composição pela adição. Mais e mais, mais é mais” (KOOLHAAS, 2010, p. 72).

No momento em que acontecem os Slams não existe o que é principal ou secundário; seja território, objeto ou sujeito. A força está na articulação dos emaranhados de território, objeto e indivíduos, assim como Koolhaas utiliza do programa de um projeto arquitetônico, a partir do indivíduo, a relação com o espaço passa a ser possível, acreditar no início do processo do projeto arquitetônico na contemporaneidade.

Os espaços intermediários, descritos no texto do arquiteto Rem Koolhaas em Junkspace (2001), “O Junkspace é selado, mantém-se unido não pela estrutura mas pela pele, como uma bolha” (p. 71), tratado como espaço resíduo na cidade, torna-se um local de incessantes e diversas apropriações existentes na cidade contemporânea.

“Como uma proposta para se pensar agora, em conjunto com todos os atores sociais urbanos contemporâneos, sobre o futuro das cidades existentes e a construção das novas cidades do futuro.” (JACQUES, 2003, p. 30)

Essas conexões inéditas nos espaços intermediários surgem e detonam processos existentes, acontece uma desestabilização e promoção de devires: onde estruturas não complementares passam a se articular de maneira um tanto dinâmicas.

“O espaço intermediário seria compreendido aqui justamente como uma in-definição, um espaço aberto às significações *entre* espaços definidos, espaços que seriam os agentes catalisadores, motivadores dessas ações dos usuários, desses eventos, desses acontecimentos inesperados que surgiriam e permaneceriam sempre em processo, transitórios, jamais se firmando como atividade dominante que pudesse se transformar em uma convenção de uso, e onde o programa não seria determinado pelo arquiteto, mas mutável, estaria sempre sendo solicitado e conformado por essas ações.” (GUATELLI, 2008, 094.00)

A intenção no findar deste trabalho é a produção de uma cartografia urbana gerada a partir das urbanidades e territorialidades provenientes da arte urbana contestatória, neste caso, os Slams. Essa cartografia será o material para reflexões sobre o fazer arquitetônico na contemporaneidade.

O sujeito e a cidade, considerados como o caráter do lugar, caráter que pode ser interpretado através de quem frequenta. Através da intervenção efêmera, sendo o micro um uso e caráter do lugar que definem o macro, no caso, a cidade. O sujeito criativo no mundo contemporâneo cria possibilidades de outros ecossistemas?



Figura 4 - Slam Resistência, Praça Roosevelt, São Paulo, 2017. IMAGEM: Vitor Villaça Campanario, em: 04 de setembro de 2017.

Perturbar a ordem: tornar-se outra coisa, em projeto não quer dizer resolver um problema existente, talvez até precipitar outros novos resultados e situações. Os rastros são vestígios e devires, que projetam a situação, as intervenções empíricas como os Slams?

A possibilidade de entendimento do processo de apropriação feito pelos Slams pode ser um programa entre espaço, evento e movimento; a criação de outra articulação para arquitetura?



Figura 4 - Slam Resistência, Praça Roosevelt, São Paulo, 2017. IMAGEM: Vitor Villaça Campanario, em: 04 de setembro de 2017.

Referências bibliográfica

- ALBUQUERQUE, Durval Muniz. Souza, Alípio de. Veiga, Alfredo C.. *Cartografias de Foucault*. 1 ed. Brasil: Autêntica, 2008.
- DELEUZE, Gilles. *Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia, Vol 1*. São Paulo, 1972.
- DELEUZE, Gilles. *Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia 2, Vol 5*. 34. ed. São Paulo, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GUATELLI, Igor. *Arquitetura dos Entre-Lugares: Sobre a importância do Trabalho Conceitual*. São Paulo: Editora Senac, 2012.
- JACQUES, Paola. *Apologia da Deriva, Escritos Situacionistas Sobre a Cidade*. Brasil: Casa da Palavra, 2003.
- KANTOR, Tadeusz. *O Teatro da Morte*. São Paulo: Perspectiva, Edição SESC SP, 2008.
- KOOLHAAS, Rem. *Três Textos Sobre a Cidade: Grandeza, ou o Problema do Grande; A Cidade Genérica; Espaço-lixo*. Espanha, 2010.
- LEMONS LOURENÇO, Marianne. *Arte, Cultura e Política: O Movimento Hip Hop e a Constituição dos Narradores Urbanos*. Disponível em:
<<http://www.psicolatina.org/19/hiphop.html>>. Acesso em: 02 de outubro de 2014.
- OITICICA, Hélio. *Nova Objetividade Brasileira*. Rio de Janeiro, 1967.
- RANCIERE, Jacques. *A Partilha do Sensível: estética e política*, 1940.
- REVISTA B!. Entrevista com Emerson Alcade. Disponível em:
<http://www.paginab.com.br/emerson-alcade-historia-viva-dos-campeonatos-de- poesia-de-sao-paulo#.Wbkq_bKGPIU>. Acesso: 15 de setembro de 2017.
- REVISTA L'Architecture d'Aujourd'hui. Entrevista com Rem Koolhaas. Paris: n. 361, p. 98- 103, 2005.

SAÍDA PELA LOJA DE PRESENTES, Banksy, Estados Unidos da América. 86 minutos, 2010.

SLAM: VOZ DE LEVANTE, Roberta Estrela D'álva e Tatiana Lohmann, Brasil. 97 minutos, 2017.